

O Avanço da Intolerância Religiosa no Brasil¹

João Felipe Vieira Bandeira de Melo Silva²

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA

Josefa Melo e Sousa Bentivi Andrade - Zefinha Bentivi³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA

Resumo

Este artigo analisa do ponto de vista histórico, sociológico e antropológico a intolerância religiosa com o objetivo de criticar tal realidade vigente em nosso país desde a implantação do domínio português, quando Estado e Igreja eram aliados, até os dias atuais, em plena pós-modernidade, onde se vive o mito de um Estado Laico, uma ilusão de igualdade e aceitação do diferente, e cuja mídia, considerada o quarto poder dentro da sociedade, disponibiliza poucos espaços para a diversidade, debate e conscientização.

Palavras chave: Intolerância Religiosa; Estado Laico; Conscientização.

INTRODUÇÃO

O livro “Repensando o Sincretismo” do professor e pesquisador Sérgio Figueiredo Ferretti analisa, à luz da antropologia, o fenômeno do sincretismo religioso – mistura e associação entre dogmas religiosos diferentes - como uma forma de resistência cultural e a solução encontrada para uma grande problemática que acompanha a sociedade brasileira, desde os primórdios, a intolerância religiosa. “A pesquisa de Ferretti nos revela – e aqui situo talvez o maior mérito da obra – a capacidade do sincretismo religioso de remontagem de aspectos institucionais e rituais para respostas específicas a situações sociais problemáticas historicamente definidas.” (PRANDI, 1995, apud, FERRETTI, 1995). O sincretismo

¹Trabalho apresentado ao GT 2, da XIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã - *Comunicação, Direitos Humanos e Diversidade*, realizada na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, MA, de 21 a 23 de novembro de 2018.

²Aluno do curso de Comunicação Social, habilitação Rádio e TV, da Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA. E-mail: joaofelipe.vieirabandeira@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Graduada em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA, líder do DIVERSUS- Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação e membro do Laboratório Integrado de Pesquisa e Práticas Jornalísticas - LABJOR.



religioso ilustra bem a frase de Émile Durkheim: “A verdadeira função da religião não é de nos fazer pensar, mas de nos fazer agir, de nos ajudar a agir” (DURKHEIM, 1912).

Em relação à colonização brasileira, revisitando a história do Brasil, é possível perceber que o teor expansionista e de imposição da fé católica esteve presente desde o estabelecimento da colonização portuguesa. Na carta de Pero Vaz de Caminha, considerada a “certidão de nascimento do Brasil”, é possível constatar a visão eurocêntrica sob os nativos, que eram considerados inferiores, vulneráveis e passivos à dominação religiosa.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. [...] um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. (CAMINHA, 1500, p. 3).

Em uma carta do rei de Portugal, Dom João III, ao Governador-Geral do Brasil, é confirmado o interesse político-religioso em conquistar o Brasil, nas seguintes palavras: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa fé católica.” (SOUSA, 1548) CORRIGIR ESTA REFERÊNCIA. Nota-se, portanto, que o papel desempenhado pelos os padres jesuítas foi fundamental na estratégia de manipulação dos indígenas, visto que catequizavam e convertiam os nativos ao catolicismo – sem levar em conta que eles já possuíam suas crenças baseadas nas forças da natureza – a fim de contar com o apoio do nativo no combate à dominação de “hereges” protestantes da Europa.

Daí porque, nos primeiros anos da tomada de posse do Brasil, foram recebidos diferentes povos das mais variadas culturas, muitos fugindo da perseguição religiosa na Europa. Na própria esquadra de Cabral estavam presentes alguns muçulmanos, que conseguiram estabelecer no território brasileiro as suas crenças, porém, com a chegada da Inquisição no país, suas práticas religiosas foram denunciadas e os fiéis islâmicos foram perseguidos. Os franceses calvinistas, que sonhavam em estabelecer no “novo mundo” a França Antártica, foram expulsos por Estácio de Sá em 1564, sem deixar marcas dos ideais calvinistas na colônia.

Importa registrar que o catolicismo chegou ao período imperial brasileiro ainda com o título de religião oficial, garantido pela Constituição de 1824, com a lei do Padroado, entretanto já era permitido o culto doméstico de outras denominações religiosas. Já na República, antes do Estado laico, a perseguição e intolerância se voltaram para o espiritismo.

É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000. (BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Determina crime a prática do Espiritismo).

A dominação do catolicismo, como religião oficial e aliada ao Estado, porém, teve seu fim com a criação de um Estado laico, determinado pela Constituição de 1891. Mesmo com a sua promulgação, a lei não conseguiu favorecer a liberdade religiosa no Brasil, pois a intolerância ainda era frequente, principalmente atingindo as religiões afro-brasileiras. Só em 1988, com a “Constituição Cidadã”, que rege atualmente o país, a liberdade religiosa é decretada de forma direta, legitimando o Brasil como uma



democracia plena no âmbito religioso nos seguintes termos do artigo 5º: “[...] é inviolável a liberdade de consciência e de crença sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos [...] e, garantida na forma da Lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

Em que pese a ter sido legitimada pela lei a liberdade religiosa, a verdade é que a intolerância religiosa chega aos dias atuais com a mesma força devastadora que impulsiona a violência, atos de depredação do patrimônio público e discursos de ódio e preconceito que levam, na maioria dos casos, à morte de inocentes. A mesma mídia que noticia comumente os fatos de preconceito religioso nos seus telejornais é uma das grandes responsáveis por promover a cultura do ódio e do desrespeito religioso, pois em vez de ser um espaço para a diversidade, promovendo um debate que busque conscientizar sobre a importância da liberdade religiosa, satiriza, censura e não dá representatividade a todas as religiões, credos e doutrinas. A tolerância é, assim, apenas uma grande ilusão na sociedade atual. Os indivíduos são inertes, conformados e apenas assistem ao espetáculo da intolerância. O jornalista do Observatório da Imprensa, Thiago Corrêa Silva, fez justamente esta crítica em uma de suas publicações.

[...] insistimos em dizer que somos um povo cordial, que o racismo é uma alucinação persecutória de negros em busca de reparação histórica. Vivemos o mito da igualdade através um discurso homogeneizante que nos paralisa e nos impede de entrar em contato com as nossas falências sociais. Estamos o tempo inteiro tapando as nossas carências e principalmente a limitação existente em aceitarmos as diferenças que nos compõem.
(SILVA, Thiago, 2015)

ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL DA INTOLERÂNCIA NO BRASIL

A análise da intolerância religiosa no Brasil, sob um viés histórico, antropológico e crítico, é de fundamental importância para que não se entenda o problema como algo anacrônico, ou seja, a problemática é atual, porém existe nela a permanência de influências de outras épocas que a sustentam de forma rígida e, talvez, por essa razão, seja uma realidade tão difícil de ser sanada. Deparar-se com uma situação de intolerância na atualidade é bem mais do que um simples fato cotidiano e que logo cairá no esquecimento, sem o devido interesse popular. Um ato de violência religiosa, verbal ou física, faz parte de uma realidade com “raízes” profundas, cuja história de luta e resistência se confunde com a própria história de uma nação, e que não possui perspectivas de mudança, visto que é encarada de forma pacífica e conformada pela sociedade.

Tomando-se as considerações aqui apresentadas e, tendo conhecimento de que a intolerância sempre esteve presente na sociedade, desde a colonização até a atualidade, é importante destacar e analisar nesse momento os principais casos históricos que marcaram o imaginário popular, e de grande significância para a resistência das religiões no Brasil e também entender algumas construções sociais e estereótipos formados nos tempos mais longínquos e que permanecem influenciando a atual sociedade.

Partindo-se da cronologia da chegada dos portugueses a terras brasileiras, registra-se que a primeira missa realizada no território brasileiro, no dia 26 de abril de 1500, é o marco de dominação da fé católica no Brasil, pois, a partir do momento em que os portugueses fixaram a cruz nas terras do “novo mundo”, deixaram evidente que aquele espaço não pertencia mais ao nativo o qual, vulneravelmente, aceitou a dominação. Tal dominação era social, cultural e, principalmente, religiosa. A justificativa dos jesuítas – padres encarregados na missão expansionista da fé católica – para impor o catolicismo, entendido por eles como a religião verdadeira, é que aqueles povos nativos eram selvagens e deveriam ser salvos, pois não possuíam uma religião, estando presos ao pecado. Esta talvez seja uma das maiores contradições do real objetivo da expansão do catolicismo, pois ao passo que a catequização, nesse caso, garante a liberdade do pecado ao “pecador” ou “impuro”, promove uma aculturação e uma escravidão social, vinculada ao interesse do Estado em dominar o novo território através da mão-de-obra escrava, não só indígena, mas também africana. O antropólogo Luiz Mott afirmou, em uma entrevista ao programa



“Caminhos da Reportagem” da “TV Brasil”, que os portugueses vieram para o Brasil, guiados pelo pretexto de que a conversão ao catolicismo seria uma “caridade” oferecida pela metrópole.

Considerando, portanto, a lógica dos colonizadores, com a chegada dos povos bantos e sudaneses do continente africano, na condição de escravos, houve um processo de dominação, sendo estes povos subjugados pelo catolicismo e aculturados assim como os nativos indígenas. A forma encontrada por esses povos africanos para resistir culturalmente foi o sincretismo religioso. A primeira manifestação do sincretismo religioso no Brasil foi o *calundu*, – /kilundu/ palavra de origem banto que significa “mau humor” – um ritual de magia e incorporação de espíritos realizado por curandeiros, inicialmente, dentro das senzalas e, depois, em outros espaços.

Os adeptos dos calundus organizavam suas festas públicas na residência de uma pessoa importante da comunidade, ou então em casas também destinadas a outras ocupações. Não tinham templos propriamente ditos, mas, também não se tratava de simples cultos domésticos, uma vez que tinham um calendário de festas, iniciavam vários fiéis em diferentes funções e eram frequentados por um número razoavelmente grande de pessoas, inclusive brancos vindos de diversos arraiais. (SILVEIRA, Renato, 2011).

É importante lembrar que não foram apenas os índios e os negros que foram aculturados pelos portugueses. Os judeus, por exemplo, começaram a migrar para o Brasil desde a chegada das primeiras caravelas, procurando novas oportunidades de vida. Mas, infelizmente, foram os alvos principais da Inquisição do Brasil, que punia baseada nos éditos de fé. As penas eram diversas, a mais temida era a morte na fogueira, que era infligida quando alguém não confessava seus “pecados”. Registra-se que a morte na fogueira era, acima de tudo, uma humilhação pública e era a etapa final de um processo de perseguição aos povos de orientação cultural diferente da classe dominante. Registra-se que a maioria das perseguições do Santo Ofício ocorreu na segunda metade do século XVIII. Nesse caso, os judeus convertidos ao Cristianismo também foram mortos, muitos acusados de serem cristãos apenas aparentemente.

Importa informar que os judeus são um povo que, em âmbito mundial, sempre sofreram perseguições e toda sorte de preconceitos. O ápice da intolerância foi, sem dúvida, na Segunda Guerra Mundial, em um holocausto de proporções descomunais, mas que não se distanciou da realidade vivida por eles em terras brasileiras, pois os sentimentos de ódio e menosprezo foram iguais, resultando na violência e a morte de inocentes.

Nos dois séculos e meio de ação da Inquisição no Brasil, cerca de vinte e cinco mil pessoas foram processadas por variadas acusações, e 1.500 foram condenadas à morte. Cerca de quatrocentas pessoas acusadas de “práticas judaizantes” foram processadas, a maioria condenada à prisão e dezoito à morte, em Lisboa. [...] O antissemitismo da Inquisição permaneceu no imaginário do país, embora sem ligação objetiva com a história moderna e contemporânea das comunidades judaicas que começaram a se estabelecer no Brasil a partir do século 19 e, principalmente, no século 20. (SITE CONIB).

A descrição do sofrimento dos judeus não foi maior que a sofrida ao longo do tempo pelos povos africanos. Eles, porém, como os judeus, resistiram. Observa-se bem isto nas manifestações de resistência no sincretismo religioso. De um modo geral – umbanda, candomblé, tambor de mina, jurema, congadas, jongos etc. – quando surgiram, foram sempre associadas pela igreja Católica ao maligno, às forças negativas, ao obscuro e ao demoníaco. Como eram manifestações diferentes e pouco conhecidas daquilo que era considerado “religião verdadeira” ou “padrão”, há, nesse momento, uma construção social que é a demonização do negro, criação que persiste até os dias atuais, ajudando a sustentar o preconceito religioso. A saída foi associar tais manifestações à fé católica.

Quando chegaram os primeiros colonizadores europeus aos territórios africanos, se depararam com o culto de orixás e voduns (divindades fons). Esses missionários cristãos tinham objetivos de “cristianizar o mundo selvagem”. Quando viram altares de forma fálica, atribuíram a algo



demoníaco. O catolicismo é uma religião que aboliu a sexualidade do horizonte humano, de profunda repressão. Exu recebeu a pecha de diabo e não se livrou. (MONTEAGUDO, Clarissa, 2009).

É preciso entender, primeiramente, que no Candomblé não existe a crença na existência do demônio. O orixá Exu sofreu um sincretismo inverso ao ser associado ao diabo, pelo fato da sua vestimenta ser vermelha e preta, mas na verdade ele é um mensageiro entre os mortais e as demais divindades, função semelhante a dos anjos. O bem e o mal no Candomblé não são compreendidos como polos contrários diferente do Catolicismo, em que o bem é ligado ao Céu e a Deus, enquanto o mal é vinculado ao inferno e ao diabo. Não se pode julgar nenhuma religião usando como modelo outra, considerada correta, pois existem hierarquias e compreensões difusas entre elas. Uma religião não necessita da presença de um deus do bem e um deus do mal para se legitimar como. Tal concepção é totalmente retrógrada. Para concluir, o período colonial, é impossível não falar do maior símbolo de resistência à imposição religiosa, social e cultural, que foi Zumbi dos Palmares, chefe do Quilombo dos Palmares, refúgio de escravos que fugiam da escravidão e da intolerância. Zumbi é um líder atemporal, pois o seu legado ficará para sempre, e a luta que começou com ele continuará até o dia em que a liberdade realmente existir.

Eu El-Rei faço saber a vós Capitão Zumbi dos Palmares que hei por bem perdoar-vos de todos os excessos que haveis praticado assim contra minha Real Fazenda como contra os povos da Capitania de Pernambuco, e que assim o faço por entender que vossa rebeldia teve razão nas maldades praticadas por alguns maus senhores em desobediência às minhas reais ordens. Convido-vos a assistir em qualquer instância que vos convier, com vossa mulher e vossos filhos, e todos os vossos capitães, livres de qualquer cativo ou sujeição, como meus fiéis e leais súditos, sob minha real proteção. (Carta do Rei de Portugal ao capitão Zumbi dos Palmares, 1685).

A República, porém, chegava e trazia consigo uma das principais revoltas regenciais, de forte caráter religioso e social. No ano de 1835, os africanos livres convertidos ao islamismo protagonizaram a Revolta dos Malês, na Bahia. Nesse momento, a escravidão já havia sido abolida, porém os negros continuavam sendo discriminados, muitos, depois de libertos, caíram na mendicância, vivendo marginalizados, pois não eram dadas oportunidades de trabalho a eles. Outros ex-escravos se dedicavam ao trabalho informal, como os vendedores ambulantes, carregadores e mensageiros. Nesse contexto é que ocorreu a Revolta, com o objetivo de exterminar a população branca e os católicos, os rebeldes organizaram uma sociedade secreta que lutou na Revolta. Todavia, eles acabaram sendo derrotados, sofrendo torturas, açoites e execuções.

O tempo passou e a situação dos negros e mestiços continuou quase inalterada até que a Constituição Cidadã de 1988 tornou-se o elo que une passado e presente, já que o seu objetivo seria promover uma descontinuidade do retrógrado, mas a sua função de promover a aceitação, a liberdade e a comunhão entre todas as religiões ainda é algo ilusório, pois a laicidade do Estado está restrita apenas à teoria, assim como tantos direitos humanos que são negados atualmente. É evidente que, no contemporâneo, há a manutenção de concepções ultrapassadas que não permitem uma evolução na mentalidade de cada cidadão.

ANÁLISE DE CASOS DE INTOLERÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Ao se debruçar sobre essa realidade, onde passado e presente convergem, e dão uma triste perspectiva de futuro, é muito difícil, até mesmo, selecionar em meio a tantos casos, os mais relevantes, visto que todos são extremamente significantes para esta análise, já que em todos há uma negação de direitos e uma manutenção do retrógrado. Portanto, os casos aqui explanados são apenas alguns dos mais diversos que ocorreram, ocorrem e continuarão ocorrendo, enquanto a devida relevância não for dada a esta problemática.



O Catolicismo, que perdeu seu poder ao longo dos anos, devido à implantação do Estado Laico, que garantia também a sua proteção contra a intolerância, já que ela era a religião estatal, com o passar dos anos pós Constituição de 1988, começa a sofrer os primeiros ataques. Talvez o principal ataque ao Catolicismo tenha sido o caso do pastor da Igreja Universal que chutou, em programa, de rede nacional, uma imagem de Nossa Senhora. O caso gerou uma comoção nacional e um sentimento de revolta muito grande, inclusive dos protestantes e fiéis de outras religiões.

No dia 12 de outubro de 1995, dia consagrado à Nossa Senhora Aparecida, o pastor Sérgio Von Helde, da Igreja Universal do Reino de Deus, chocou o país ao chutar uma imagem da padroeira do Brasil no programa “Despertar da fé”, na TV Record. Von Helde dizia que “era um erro o povo brasileiro depositar suas esperanças em santos, ídolos ou imagens, porque, segundo a Bíblia, tais ídolos não têm poder algum”. Em seguida, passou a dar chutes na imagem afirmando que se tratava de um “pedaço de gesso”. (SITE ACERVO O GLOBO, 2015)

O professor de Antropologia da USP, Vagner Gonçalves da Silva (2017), compara a intolerância aos católicos e aos umbandistas e candomblecistas. Ele afirma, referindo-se ao fato de 1995: “Com Igreja Católica não se brinca, ela é muito forte. As religiões afro-brasileiras têm sido o cachorro chutado da História do Brasil. Foram perseguidas desde a Inquisição, na República, pela polícia”. Ou seja, o impacto na sociedade de uma violência ao catolicismo – como o do pastor que chutou a imagem católica – ganha proporções muito maiores do que com uma religião afro-brasileira. Nessa desconstrução de religião, convém destacar que o principal ataque às religiões de matriz africana são as destruições de terreiros, objetos religiosos e oferendas. No ano passado, um vídeo ganhou grande repercussão na internet. Nele uma mãe de santo destrói seu próprio terreiro sendo ameaçada por sete criminosos.

Eles obrigaram a yalorixá, sacerdotisa no local, a destruir as próprias imagens sob a mira de uma arma. [...] os bandidos chegaram a urinar nos santos, dizendo que não permitiriam a prática de "bruxaria" naquela comunidade. [...] Nas imagens, é possível ouvir os criminosos usando termos cristãos enquanto a mulher quebra as imagens sagradas. 'Quebra tudo, quebra tudo! Apaga as velas, porque o sangue de Jesus tem poder! Arrebenta as guias todas! Todo o mal tem que ser desfeito, em nome de Jesus! Quebra tudo porque a senhora é quem é o "demônio-chefe"! É a senhora quem patrocina essa cachorrada! Quebra tudo! Arrebenta as guias todas, derrama, quero que quebre as guias todas!'. (COELHO, André. 2017).

Felizmente, ainda existem atos de amor e solidariedade que partem de fiéis, muitas vezes de outras religiões, em momentos como esse. Em fevereiro desse ano, um terreiro de Duque de Caxias foi depredado por protestantes neopentecostais. A mãe de santo Conceição D’Lissá, responsável pelo terreiro, foi surpreendida pelos fanáticos religiosos que incendiaram o espaço numa madrugada. Em entrevista à BBC Brasil, ela conta que esse não foi o primeiro ataque. “Foram três carros queimados, tiros que foram contra mim, na minha casa e depois aqui com o barracão”, relata.

Em uma manhã de sábado de fevereiro, a pastora Lusmarina Campos, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, foi ao local acompanhada de três voluntários para, pessoalmente, ajudar na remoção de entulhos - tijolos e pedaços de madeira que faziam parte do segundo andar do terreiro, área atingida pelo fogo. (SITE UOL, 2018).

A pastora luterana declarou em entrevista: "Logo que a gente ouviu sobre a destruição do terreiro, eu pensei: 'Se em nome de Cristo eles destroem, em nome de Cristo nós vamos reconstruir'". (REFERÊNCIA) Atos de altruísmo entre as religiões, como esse, colaboram para que se acredite em um futuro onde não existam diferenças entre as religiões, credos e filosofias. Ajudam a reforçar os laços e a comunhão, pois mantém viva a esperança de que haja paz entre os homens. Isso só será possível quando cada ser humano deixar de ver o outro pelas suas diferenças, mas sim pela sua essência que une a todos. Compreende-se que profanar espaços de culto que são considerados sagrados por fiéis, de qualquer religião, é bem mais do que apenas lugar físico, é ferir com a ancestralidade de um povo, com a ligação que se tem com o passado de onde é tirada a força e a resistência para que se continue lutando pela



tolerância religiosa. Um fato que ocorreu em 2014, na Bahia metaforiza um pouco o sentido de resistência contra a intolerância.

Representantes do candomblé fizeram uma denúncia no Centro de Referência de Combate ao Racismo Nelson Mandela, que fica em Salvador, contra um ato de intolerância religiosa. De acordo com eles, a "Pedra de Xangô", considerada um monumento sagrado pelo candomblé, foi encontrada pichada e com pedras de sal grosso na última segunda-feira (10). As oferendas que estavam depositadas na área foram destruídas. Na quarta-feira (12), eles pediram proteção para o local e fizeram um apelo para que a religião seja respeitada. (SITE G1 BA, 2014).

Xangô para as religiões de matriz africana é o orixá da força, da resistência, da justiça e é simbolizado pela rocha, pedra. De fato, é da resistência e força desse orixá que os candomblecistas conseguem persistir e não se deixar temer pelos ataques que religiosos extremistas. As religiões de matriz africana perseveram como uma rocha, que passados todos esses anos de intolerância e dominação, permanecem fortes, firmes e estáveis. Todos esses casos fatos ajudam a aumentar os dados estatísticos que são cada vez mais preocupantes: No Brasil, a cada quinze horas há uma denúncia de intolerância religiosa (Ministério dos Direitos Humanos). Em apenas um semestre de 2017, o Disque Denúncia recebeu 1.486 casos de intolerância. A maioria das vítimas, em 2017, foi de origem africana (39%): umbanda (26 casos), candomblé (22 casos) e outras denominações (22 casos). Os estados brasileiros com mais casos - apenas os denunciados - são: São Paulo (37 casos), Rio de Janeiro (36 casos) e Minas Gerais (26 casos). 71,5% dos casos de 2017 foram contra grupos afro. (Disque Denúncia). Frequentemente, a mídia noticia fatos como esses aqui abordados, mas qual seria a sua função social na luta pela tolerância religiosa no Brasil?

ANÁLISE DO PAPEL DA MÍDIA NO COMBATE À INTOLERÂNCIA

A mídia brasileira tem um caráter fortemente marcado pela denúncia, desvelando aquilo que não é visto. Além disso, deveria ser um lugar para a diversidade, promovendo a representação de todas as religiões, culturas e ideologias de maneira harmônica. Ela promove tal representatividade através da teledramaturgia, da música, dos programas de auditório e de entrevistas. No início da década de 1960, surgiu na indústria fonográfica brasileira a figura de Clara Nunes. Clara foi a primeira cantora brasileira a vender mais de cem mil cópias de um mesmo LP, quebrando o tabu da época que dizia que “mulher não vende disco”, e se tornou uma das maiores cantoras de todos os tempos. Tornou-se a primeira artista brasileira a assumir, publicamente, a sua crença nas religiões africanas, e promoveu ao longo de sua carreira um brilhante legado voltado para a mitologia africana, a diversidade cultural e religiosa brasileira, o misticismo e luta contra a intolerância através da arte. O misticismo e religiosidade afro-brasileira estavam presentes em suas roupas, danças, gestos e acessórios. De Misticismo da África ao Brasil – primeira música exaltando a cultura afro-brasileira – até Nação – música-tema do seu último LP, Clara promoveu um importante trabalho de conscientização e quebra de preconceitos ao promover a representatividade afro-brasileira em tempos de ditadura, forte repressão militar e censura aos meios de comunicação. Segundo Clara Nunes(1982): “Todas as pessoas têm uma missão. Eu tenho a missão de cantar”. Foi através da sua missão que ela se consagrou como o maior símbolo arte, cultura e religiosidade afro-brasileira.

Hoje, teoricamente, a censura não existiria mais, considerando o Brasil um Estado Democrático e Laico, ou apenas a ilusão de uma democracia e de uma laicidade vigente. Porém, infelizmente, ainda se presenciam casos dentro da mídia de censura e repressão religiosa. O caso mais recente envolveu a cantora Iza numa apresentação na TV Record. No momento em que a artista cantava a música “Ginga”, que possui fortes referências a rituais e cultos africanos, a música foi censurada em uma de suas partes, justamente por falar a palavra “mandinga” no trecho “entra na roda e ginga, ginga, fé na sua mandinga, na roda ginga”.

Nas redes sociais, Iza postou uma foto da apresentação, mas não comentou os questionamentos dos fãs sobre a situação. Essa foi a terceira vez que isso aconteceu com a cantora. Em abril deste ano, no programa 'Agora é com Datena', Iza passou pelo mesmo caso. O que foi repetido no



'Programa do Porchat', no último dia 9, deste mês. Procuradas pelo 'Uol', as assessorias de imprensa da artista e da emissora não se pronunciaram sobre o fato. (SITE IBAHIA, 2018).

A televisão, muitas vezes, quando não censura a religião, utiliza-a como objeto de sátira. O programa “Zorra” da TV Globo, comumente, usava das mais diversas religiões para fins humorísticos. “Não estamos aqui para criticar religião. Quando fazemos uma crítica, geralmente é ao uso que se faz dela, não à religião em si. Ela a gente respeita”, disse Marcius Melhem, roteirista do programa. Foram várias as “piadas” feitas usando a religião, entre elas destacam-se:

“Milagre de Jesus”, o Cristo vivido pelo ator George Sauma se comporta como um jogador de futebol, fazendo milagres como quem marca um gol e corre para se exibir para a torcida. [...] “Jesus prafrentex” no esquete onde ele critica a Deus pelo conteúdo da Bíblia, dizendo que estava ultrapassada e precisaria ser reescrita. (SITE GOSPEL PRIME. 2017).

Assim como o protestantismo, o programa também ironizou as regiões afro-brasileiras e o catolicismo, ao abordar as aparições de Nossa Senhora de Fátima e os segredos que foram revelados no fenômeno celestial. O esquete teve uma repercussão bem maior de repúdio e a Arquidiocese de São Paulo acabou se pronunciando sobre o ataque. É fato que vivemos em uma sociedade onde a liberdade de expressão e opinião é um direito, mas deve sempre haver um senso em não ferir a liberdade do outro, pois há uma linha muito tênue entre a liberdade e a libertinagem. Se o propósito é debater sobre as religiões, há outros meios de fazer isso.

Nesse sentido, pode-se citar o programa “Encontro com Fátima Bernardes” da TV Globo é um dos programas que conseguem promover um debate e uma conscientização, através da representatividade. No dia 25 de abril, o programa tratou sobre a intolerância religiosa. Estavam presentes adeptos do candomblé, do protestantismo, catolicismo e islamismo. Houve um momento em que os convidados puderam relatar suas experiências marcadas por agressões, preconceito ou discriminação por conta de sua religião. A jornalista Maíra Azevedo, que é candomblecista, afirmou que foi duramente agredida, verbalmente, na internet, por ter postado ao que fazia referência à sua religião. Disse, também, que seu próprio filho, que ainda é criança, já sofreu preconceito na escola. Outra convidada que estava na discussão era a Carima, pedagoga e adepta do islã. Ela narra que certa vez foi repreendida no ambiente de trabalho por usar o véu – hijab- obrigatório para as mulheres muçulmanas. A convidada que era candomblecista afirmou para evitar o preconceito sofrido por Carima no ambiente de trabalho, optou várias vezes em retirar suas guias – colares sagrados que representam a ancestralidade africana.

Outra forma de promover a representatividade é através da teledramaturgia, pois no Brasil, as novelas são muito consumidas pelo grande público. Na novela “Malhação – Vidas Brasileiras” havia a personagem Talíssia, uma jovem de dezesseis anos, negra e candomblecista e que sofreu preconceito religioso, tendo seu terreiro incendiado, mas resistiu à repressão e reabriu o seu espaço religioso. A realidade dela é a de muitos brasileiros que são candomblecistas e tem seus terreiros destruídos pela intolerância e pelo fanatismo. Como se pode observar, a intolerância religiosa, hoje, consegue chegar a todos os meios de comunicação, inclusive nas novas mídias, através das redes sociais. No YouTube, por exemplo, são inúmeros os vídeos, geralmente de protestantes extremistas, que criticam, demonizam, desrespeitam e violam as outras religiões, principalmente as de origem africana. Há na plataforma uma opção de denunciar o vídeo pelo seu conteúdo ser violento, por incitar o ódio ou por violação de direitos, mas é preciso que seja feito algo, além disso. Quando se opta por não consumir um tipo de conteúdo abusivo deve-se levar em conta que outras pessoas irão consumi-lo, novas subjetividades serão formadas a partir dele, e a influência desse conteúdo se concretizará com a permanência da intolerância e de uma cultura de ódio na sociedade.

CONCLUSÃO



Após essa incursão pela história do Brasil, foi possível enxergar o objeto deste estudo muito além daquilo que ele representa, pois a intolerância religiosa é bem mais do que de uma das grandes problemáticas atuais. Ela é a permanência de valores, concepções, construções de uma sociedade, que não se restringem apenas ao campo religioso, mas também social, cultural, racial e moral. A intolerância de hoje é a mesma de séculos atrás. A diferença é que hoje a propagação de atos de preconceito e os seus impactos são cada vez maiores, devido à globalização, que permite uma interligação de pessoas com subjetividades diferentes. A mídia, aproveitando do poder que a globalização possui e também do seu poder de ajudar a formar opiniões e comportamentos, deveria ser um espaço onde o diálogo e a representatividade existisse. Mas o que se observa na atualidade não é isso.

Cada vez mais se cultivam os sentimentos mais retrógrados, ao passo que a mídia se mantém hipócrita e duvidosa naquilo que propaga, visto que ora há momentos em que possui um discurso de tolerância e cordialidade entre as diferenças e ora ajuda a semear construções sociais, estereótipos e inverdades que são absorvidas pelas pessoas, que são estimuladas a continuarem com as mesmas atitudes de ódio, aceitação e incompreensão de tudo aquilo que foge de padrões já estabelecidos.

REFERÊNCIAS

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**, 1995. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA.

JÚNIOR, Manuel Diégues. **Etnias e Culturas no Brasil**, 1952. São Paulo: Civilização Brasileira.

Intolerância Religiosa, 2015. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/intolerancia-religiosa/>>. Acesso em 07 de julho de 2018.

Ódio e intolerância religiosa disfarçados de opinião, 2013. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/ed733-odio-e-intolerancia-religiosa-disfarcados-de-opinioao/>>. Acesso em 08 de julho de 2018.

SILVEIRA, Renato. **Calundu – As origens do Candomblé**. Disponível em: <<https://ocandomble.com/2011/10/02/o-calundu-as-origens-do-candomble/>>. Acesso em 08 de julho de 2018.

CYTRYNOWICZ, Roney. **História dos Judeus no Brasil**. Disponível em <http://www.conib.org.br/historia>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

MONTEAGUDO, Clarissa. **Demonização de figuras do candomblé foi construída desde a chegada do colonizador português à África**. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/demonizacao-de-figuras-do-candomble-foi-construida-desde-chegada-do-colonizador-portugues-africa-229778.html>>. Acesso em: 11 de julho de 2018

Carta do Rei de Portugal ao capitão Zumbi dos Palmares, 1685

CARNEIRO, Paulo Luiz. **Chute na imagem da padroeira do Brasil choca país e é reprovado por religiosos**. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/chute-na-imagem-da-padroeira-do-brasil-choca-pais-e-reprovado-por-religiosos->>. Acesso em 15 de julho de 2018.

COELHO, André. **Criminosos obrigam mãe de santo a destruir seu próprio terreiro em Nova Iguaçu**. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/policia/2017/09/13/CRIMINOSOS->>



OBRIGAM-MAE-DE-SANTO-A-DESTRUIR-PRÓPRIO-TERREIRO-EM-NOVA-IGUACU.htm>.

Acesso em 16 de julho de 2018.

SITE UOL. **"Se em nome de Cristo destroem, em nome de Cristo vamos reconstruir": evangélicos ajudam a reerguer terreno queimado.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/04/24/se-em-nome-de-cristo-destroem-em-nome-de-cristo-vamos-reconstruir-evangelicos-ajudam-a-reerguer-terreiro-queimado.htm>>. Acesso em: 16 de julho de 2018.

Vespera2009. **Leda Nagle entrevista Clara Nunes - Sobre turnê ao Japão**, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n69YtkF8jh4>. Acesso em: 16 de julho de 2018.

Música de Iza é censurada em programas da Record. Disponível em: <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/musica-de-iza-e-censurada-em-programas-da-record-assista/>.

Acesso em: 18 de julho de 2018.

ARAGÃO, Jarbas. **Zorra: A obsessão da Globo em fazer do cristianismo uma piada.** Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/zorra-obsessao-da-globo-em-fazer-do-cristianismo-uma-piada/>>.

Acesso em: 18 de julho de 2018.